

Capítulo 1 – O Menino da Marquise

A cidade dormia. As ruas estavam quase desertas, iluminadas apenas pelos postes amarelados que piscavam de vez em quando. O silêncio era quebrado pelo ronco distante de um carro e pelo vento frio que deslizava entre os prédios.

Sob a marquise de uma loja fechada, encolhido sobre um pedaço de papelão, dormia um menino. Seu corpo magro se escondia embaixo de dois metros de papel pardo, que ele usava como cobertor. Não era quente, mas era o que tinha.

Ele se ajeitava de um lado para o outro, tentando enganar o frio que entrava pelos vãos do improvisado abrigo. O estômago roncava baixinho, lembrando-lhe que fazia mais de um dia que não encontrava nada para comer. Ainda assim, sonhava. Sonhava que tinha uma cama de verdade, com lençóis limpos e um travesseiro macio.

Mas, de repente, um estrondo ecoou pela madrugada. O chão tremeu levemente, como se um trovão tivesse caído bem perto dali. O menino abriu os olhos, assustado. Antes que pudesse se mover, um clarão intenso iluminou a rua, tão forte que parecia dia.

Ele arregalou os olhos e puxou o papel para se cobrir, mas o susto foi tão grande que o frágil cobertor se rasgou no meio. O vento gelado entrou sem piedade, e ele sentiu o frio cortante na pele. Tremendo, levantou-se de repente.

Olhou ao redor, procurando entender de onde vinha aquela luz. Mas o clarão não desaparecia. Estava lá, firme, como se o chamasse.

O medo se misturava com a curiosidade. De um lado, queria correr e se esconder. De outro, algo dentro dele dizia que precisava seguir aquela luz misteriosa.

Com os pés descalços e o coração batendo rápido, o menino deu os primeiros passos fora de sua marquise. Não sabia ainda, mas aquela noite fria mudaria sua vida para sempre.

Capítulo 2 – O Clarão Misterioso

A luz piscava ao longe, como um farol perdido no meio da cidade silenciosa. O menino, ainda com frio e com medo, caminhava devagar, olhando para todos os lados. Cada sombra parecia maior naquela madrugada, cada ruído o fazia estremecer. Mas o clarão era tão forte que parecia empurrá-lo para frente, guiando seus passos.

As ruas, geralmente tão familiares, pareciam diferentes. O silêncio era estranho demais, e a luz refletia nas poças de água da chuva da noite anterior, criando brilhos dourados no chão.

Depois de alguns minutos, chegou a um beco estreito. O clarão vinha dali. O coração do menino disparou. Naquele canto escuro, havia algo que nunca imaginara ver: um baú enorme, antigo, como aqueles dos tesouros das histórias que às vezes ouvia na praça.

A tampa estava aberta, e de dentro saía aquela claridade mágica. O menino se aproximou devagar, quase prendendo a respiração. Deu um passo. Depois outro.

Dentro do baú, não havia ouro, nem joias. Apenas um objeto simples, mas extraordinário: uma vareta dourada, reluzente como o sol. Não era uma espada, nem uma joia. Era... um lápis.

Um lápis de ouro que brilhava como se tivesse vida própria.

O menino arregalou os olhos. Esticou a mão devagar, mas hesitou.
— É só... um lápis? — sussurrou.

Naquele instante, o brilho aumentou. O menino sentiu como se o objeto estivesse chamando por ele. Um calor suave o envolveu, aquecendo-o como um abraço. Era como se o lápis falasse em silêncio: *“Sou seu. Pegue-me.”*

Sem entender direito o que estava acontecendo, ele estendeu a mão e segurou o lápis. No mesmo instante, a luz do baú diminuiu e a tampa se fechou sozinha, com um estrondo suave.

O menino ficou parado, olhando para o objeto em suas mãos. Era lindo demais, pesado e leve ao mesmo tempo. Brilhava como se fosse feito de puro sol. Ele não sabia, mas carregava agora um poder capaz de mudar o mundo — para o bem ou para o mal.

Colocou o lápis no bolso e saiu dali, ainda sem compreender nada. Tudo o que queria era achar algo quente para se cobrir.

Não fazia ideia de que, naquela mesma noite, forças sombrias haviam despertado junto com o clarão.

Capítulo 3 – O Primeiro Desenho

O vento gelado cortava a pele do menino. Seus pés descalços doíam ao tocar o chão úmido, e o corpo tremia como se fosse se quebrar em pedaços. Ele abraçou a si mesmo, tentando se aquecer, mas não adiantava.

Cansado, caminhou até a frente de uma loja. A vitrine estava vazia e coberta por uma parede branca, lisa como uma folha de papel. O menino se sentou no chão, encostado na parede fria. As lágrimas escorriam pelo rosto sujo.

— Só queria... um cobertor — murmurou, soluçando.

Sentiu algo duro em seu bolso. Era o lápis dourado, ainda brilhando suavemente. Ele o segurou, como quem segura um amigo. Sem pensar muito, levou a ponta até a parede.

Com mãos trêmulas, começou a riscar. Primeiro um traço torto, depois outro. O desenho não era bonito, mas era sincero: linhas que formavam um cobertor grande e macio.

Quando terminou, algo inacreditável aconteceu. O desenho brilhou. As linhas se moveram, como se ganhassem vida. De repente, o cobertor saltou da parede e caiu no colo do menino, real, quente e macio como os que ele sempre sonhara.

Ele arregalou os olhos, sem acreditar. Tocou o tecido, abraçou-o e logo se enrolou nele. O calor o envolveu de tal forma que parecia um abraço de mãe.

O menino sorriu entre lágrimas.

— É... de verdade...

Aos poucos, o cansaço venceu o medo. A cabeça tombou para o lado, e ele adormeceu enrolado no cobertor novo, com o lápis guardado no bolso, aquecendo-o como um pequeno coração dourado.

A noite parecia tranquila outra vez. Mas, longe dali, ecos de vozes sombrias ecoavam pela fenda aberta no céu.

— O lápis foi encontrado... — murmurou uma voz rouca.

— Precisamos tomá-lo antes que seja tarde... — respondeu outra, grave.

E assim, enquanto o menino sonhava quentinho pela primeira vez em muito tempo, o destino já começava a se mover.

Capítulo 4 – O Amigo que Ensinava

Amanheceu. O sol tímido iluminava as ruas e o menino despertou devagar, ainda enrolado no cobertor que parecia impossível existir. Ele esfregou os olhos, olhou para o tecido macio e sorriu. O coração batia apertado de alegria — pela primeira vez em muito tempo, não sentira frio durante a noite.

Levou a mão ao bolso. O lápis dourado ainda estava lá, quente, como se tivesse vida própria. O menino o segurou firme e, sem entender porquê, agradeceu:

— Obrigado... você me salvou.

Foi então que algo estranho aconteceu. Uma voz suave ecoou dentro de sua mente. Não vinha de fora, mas de dentro, como um sussurro que só ele podia ouvir:

— *“Não precisa agradecer. Sou seu amigo. E posso te ensinar muito mais do que desenhar.”*

O menino se assustou. Olhou ao redor, mas não havia ninguém. Apertou o lápis contra o peito.

— Quem... quem tá falando comigo?

— *“Sou eu, o lápis. Não tenha medo. Estava esperando por alguém como você.”*

O menino arregalou os olhos, espantado.

— Um lápis que... fala?

O objeto brilhou suavemente em resposta.

— *“Eu não só falo. Eu ensino. Vejo que você nunca aprendeu a ler, nem a escrever. Mas podemos mudar isso juntos. Se quiser, posso mostrar como transformar linhas em letras e letras em palavras.”*

O menino ficou em silêncio. Nunca havia ido à escola. As letras nos muros, nas placas e nos jornais eram mistérios indecifráveis para ele. O coração bateu forte de esperança.

— Você... pode mesmo me ensinar?

— *“Posso. Mas só se você quiser aprender. Não basta desenhar coisas para si mesmo. É preciso conhecer o poder que está escondido nas palavras.”*

O menino respirou fundo e sorriu.

— Eu quero!

Naquela manhã, o lápis começou a guiá-lo. Mostrou-lhe como traçar um círculo perfeito para formar a letra “O”. Depois, uma linha reta que virava “I”. O menino ria a cada descoberta, feliz como quem encontra um tesouro.

Dia após dia, o lápis o ensinou não só a escrever letras e palavras, mas também a desenhar com mais firmeza e imaginação. A cada risco no chão ou na parede, o menino crescia — não apenas em conhecimento, mas também em bondade.

E o lápis sabia: aquele garoto de coração puro era o guardião perfeito para proteger seu poder.

Enquanto o menino descobria um novo mundo ao lado do lápis, algo muito maior acontecia longe dali. A explosão que abria o baú não havia apenas libertado o objeto mágico: também criara uma fenda no céu.

Era como uma cicatriz de luz, escondida atrás das nuvens. De dia, ninguém percebia. Mas à noite, sob a escuridão, a fenda pulsava, emitindo um brilho estranho e inquietante.

Dessa rachadura no firmamento, vozes ecoavam. Eram sussurros de seres que estavam presos há séculos, esperando por uma oportunidade de escapar. E agora, graças ao baú aberto, estavam livres para andar novamente pelo mundo.

— O lápis foi escolhido... — murmurou uma voz rouca.

— Ele está com um garoto... um mero mortal... — disse outra, carregada de desprezo.

— Precisamos encontrá-lo. Se cair em nossas mãos, ninguém poderá nos deter.

A cada noite, a fenda se alargava mais. Sombras escorriam dela como fumaça negra, ganhando formas retorcidas que desciam à cidade. Esses seres caminhavam pelas ruas em busca de rastros do clarão.

Enquanto isso, o menino, inocente, continuava aprendendo a escrever as primeiras palavras com o lápis. Ria sozinho ao formar o próprio nome, mal imaginando que, no mesmo instante, forças sombrias percorriam vielas e becos à sua procura.

O lápis, porém, sabia. E em uma de suas conversas com o garoto, alertou-o:

— *“Você precisa ser forte. O poder que carrega não é apenas um presente. É também um fardo. Há aqueles que desejam usá-lo para destruir tudo o que existe. E já estão a caminho.”*

O menino sentiu um frio na espinha.

— Mas... eu sou só um garoto. Como posso proteger alguma coisa?

O lápis brilhou mais forte, como se sorrisse.

— *“Não é o tamanho, nem a força, que faz de alguém um guardião. É o coração.”*

O menino apertou o lápis contra o peito e, pela primeira vez, entendeu que sua vida jamais seria a mesma.

Capítulo 6 – O Guardião Improvável

As noites passavam, e o menino aprendia cada vez mais. Já conseguia escrever o próprio nome, formar pequenas frases e até desenhar com mais firmeza. Cada risco que fazia parecia abrir uma porta nova dentro de si.

Mas, junto com o aprendizado, vinha também o peso das palavras do lápis: “Você é um guardião.”

O menino repetia isso baixinho, tentando acreditar.

— Guardiã... eu? Mas eu não tenho nada, nem casa, nem família... só tenho você.

O lápis brilhava em resposta, como se quisesse acalmá-lo.

— *“Justamente por isso você foi escolhido. Porque seu coração não deseja poder, nem riqueza. Ele deseja apenas coisas simples: um cobertor, um sorriso, um amigo. É esse coração que pode proteger o mundo.”*

O menino pensou naquelas palavras enquanto olhava para a cidade. Do alto de uma escadaria, via as luzes dos prédios distantes, os carros passando, as pessoas apressadas. Ninguém o via, ninguém o notava. E, ainda assim, ali estava ele, carregando um segredo capaz de mudar tudo.

Nessa mesma noite, enquanto treinava letras no chão, uma rajada de vento soprou forte. O menino se encolheu, mas percebeu que não era apenas vento: era uma presença. Algo o observava na escuridão.

O lápis o alertou:

— *“Eles estão perto. Os que escaparam da fenda já sentiram minha energia. Mas não tenha medo. Você não está sozinho.”*

O garoto engoliu em seco, os olhos marejando.

— Eu não sei lutar...

— *“Não precisa lutar com força. Precisa lutar com coragem. E usar o que sabe. As letras, os desenhos... tudo isso pode ser sua defesa.”*

O menino respirou fundo. Pela primeira vez, entendeu que não era apenas um sobrevivente da rua. Agora tinha um papel maior: proteger aquele lápis, e com ele, proteger o planeta inteiro.

Naquela madrugada, ele aceitou, dentro de si, que não era apenas um menino perdido. Era o Guardiã do Lápis Mágico.

Capítulo 7 – Os Vilões à Espreita

As ruas da cidade escondiam mais do que o frio e o silêncio da madrugada. Agora, sombras caminhavam entre becos e vielas, sussurrando entre si. Eram os que haviam escapado da fenda: criaturas escuras, de formas humanas distorcidas, que se disfarçavam entre as pessoas comuns.

Ninguém percebia, mas eles estavam sempre observando, atentos a qualquer sinal do clarão que outrora brilhara no céu.

— O lápis está aqui... — dizia uma voz rouca, vinda de um vulto encapuzado.

— O menino... ele ainda não sabe usá-lo. É vulnerável. — completava outro, de olhos vermelhos que brilhavam no escuro.

A cada noite, eles se aproximavam mais do guardião improvável. Seguiam seus passos à distância, misturando-se às sombras da cidade.

Uma tarde, o menino caminhava pela praça, tentando desenhar letras com gravetos no chão. Uma mulher estranha, de roupas elegantes demais para aquele lugar, sentou-se ao seu lado. Seus olhos brilhavam como vidro, e seu sorriso parecia falso.

— Oi, garotinho. Vejo que você gosta de desenhar... — disse, com voz melosa.

O menino olhou desconfiado, apertando o lápis no bolso.

— Quem é você?

— Alguém que pode te ajudar. Sei que você tem algo especial. Talvez... um objeto brilhante? Se me mostrar, posso lhe dar roupas novas, comida... até uma cama de verdade.

O menino sentiu o coração acelerar. O lápis, no bolso, começou a esquentar, quase queimando, como se dissesse: *“Cuidado! É uma armadilha.”*

Ele se levantou rápido e saiu correndo. A mulher sorriu, e seus olhos se tornaram negros por um instante, antes de desaparecer na multidão.

Naquela noite, o lápis falou sério com ele:

— *“Agora você sabe. Eles estão por perto. Usarão truques, mentiras e promessas para tentar tomar-me de você. Mas lembre-se: eu só obedeco ao coração puro de quem me guarda. E o seu é mais forte do que imagina.”*

O menino, ainda assustado, prometeu a si mesmo que jamais entregaria o lápis. Mas também entendeu uma coisa: a caça havia começado.

Capítulo 8 – O Primeiro Desafio

A noite estava estranhamente silenciosa. O menino, sentado em uma praça vazia, riscava o chão com o lápis dourado, formando suas primeiras frases simples.

— “Eu... sou...” — leu em voz baixa, juntando as letras. E então completou, orgulhoso:

— “Guardião.”

Um sorriso iluminou seu rosto. Mas, de repente, sentiu um arrepio. O vento gelado não vinha do céu, mas das sombras ao redor.

Um vulto alto surgiu atrás das árvores. Seus passos ecoavam fortes no calçamento. O menino se levantou de um salto, escondendo o lápis no bolso.

— Então é você... — disse a voz grave. — O garoto que carrega o poder.

Do escuro, surgiu uma figura imponente: um homem de capa escura, olhos vermelhos como brasas e mãos longas, com garras afiadas. Ele se aproximou devagar, como um predador que saboreia a presa.

— Entregue o lápis, menino. Ele não foi feito para mãos tão pequenas. Comigo, terá o destino que merece. — A voz era hipnótica, quase uma ordem.

O coração do garoto disparou. Ele queria correr, mas suas pernas estavam presas pelo medo. Então sentiu o calor no bolso: o lápis queimava como se dissesse *“Use-me!”*

Tremendo, o menino o puxou. Sem pensar, desenhou uma porta brilhante no ar, com traços rápidos e tortos. Para seu espanto, a porta se abriu diante dele, como um clarão mágico.

O vilão rugiu de raiva e avançou, mas o garoto mergulhou pela porta. Do outro lado, caiu de joelhos em uma rua distante, ofegante, mas salvo. Atrás de si, a porta se fechou em um estalo, impedindo a criatura de atravessar.

— Eu... consegui... — murmurou, quase sem acreditar.

O lápis então falou, sua voz firme, mas cheia de orgulho:

— *“Esse foi apenas o primeiro desafio. Eles não vão parar. Mas cada vez que usar sua coragem, você ficará mais forte.”*

O menino respirou fundo. O medo ainda estava em seu peito, mas junto dele agora havia outra coisa: uma chama de esperança. Pela primeira vez, acreditou que talvez pudesse realmente enfrentar aqueles monstros.

Capítulo 9 – O Poder de Criar

Depois da noite em que escapou pela porta mágica, o menino não conseguiu mais dormir tranquilo. Sonhava com olhos vermelhos, com garras afiadas, com vozes sussurrando seu nome nas sombras. Mas ao amanhecer, quando segurava o lápis dourado, a coragem voltava.

Ele começou a treinar mais. Desenhava portas, janelas, bolas, flores... e tudo se tornava real. A cada traço, descobria que o lápis não era apenas um objeto mágico: era um presente que podia mudar vidas.

Uma tarde, enquanto explorava um beco, encontrou três crianças de rua encolhidas contra uma parede. Estavam com frio, abraçadas umas às outras. Ele reconheceu aquele olhar — o mesmo que carregava todas as noites antes de ter o lápis.

Sem dizer nada, pegou o objeto e desenhou no chão um cobertor grande o suficiente para todos. As crianças arregalaram os olhos quando o tecido surgiu de repente, macio e quentinho.

— É... é de verdade? — perguntou uma delas, quase sem acreditar.

O menino sorriu.

— Experimenta.

Logo estavam enrolados, sorrindo de alívio. Uma delas disse:

— Você é tipo... um mágico?

O guardião pensou, olhou para o lápis e respondeu baixinho:

— Não... só tenho um amigo especial.

Nos dias seguintes, o menino passou a desenhar comida para as crianças famintas, brinquedos simples que enchiam seus olhos de alegria e até cabaninhas improvisadas que as protegiam da chuva. Onde antes havia apenas tristeza e abandono, agora havia risos.

E a cada gesto, o brilho do lápis aumentava. Parecia feliz também, como se fosse alimentado pela bondade do menino.

Mas o lápis não tardou em alertá-lo:

— *“Você descobriu o maior poder: criar para os outros. É isso que me torna mais forte. Mas cuidado... os que nos caçam já sabem que não estou mais escondido. E quando perceberem que você compartilha minha magia, virão ainda com mais fúria.”*

O menino apertou o lápis contra o peito e olhou para os amigos que dormiam sorrindo sob o cobertor. Pela primeira vez, ele não se sentia sozinho. Agora, tinha uma missão: não deixar que o lápis caísse em mãos erradas, porque não era só dele — era de todos que precisavam de esperança.

Capítulo 10 – A Escolha Final

As noites ficaram cada vez mais perigosas. As sombras já não se escondiam tanto: vultos estranhos surgiam nas esquinas, olhos vermelhos brilhavam nas janelas escuras, vozes sussurravam o nome do menino no vento gelado.

Até que, numa madrugada silenciosa, eles vieram todos de uma vez. A fenda no céu se abriu mais do que nunca, lançando um clarão sombrio sobre a cidade.

Dela, desceram os vilões unidos, líderes das trevas, cada um mais aterrador que o outro.

O menino, protegido apenas por seu cobertor e rodeado pelas crianças que ajudava, sentiu o coração gelar. Os seres o cercaram, formando um círculo. O maior deles, de capa escura e olhos como fogo, deu um passo à frente.

— Garoto... você não entende o poder que carrega. Com esse lápis, pode ter tudo: comida infinita, palácios, ouro, exércitos aos seus pés. Basta entregar-nos o controle. Você nunca mais vai sentir fome ou frio.

As crianças, assustadas, se encolheram atrás dele. O menino olhou para o lápis em sua mão. Por um instante, a tentação brilhou em sua mente: uma casa de verdade, roupas novas, não precisar mais dormir nas ruas. Tudo isso estava ao seu alcance.

O vilão estendeu a mão, sorrindo.

— Escolha, menino. O mundo... ou você.

O lápis pulsou forte em sua palma, como se batesse um coração. A voz suave ecoou em sua mente:

— *“A escolha é sua. Mas lembre-se: aquilo que você desenhar agora definirá o destino de todos.”*

O garoto fechou os olhos. Sentiu o vento gelado, ouviu o choro das crianças atrás dele, lembrou-se de todas as noites de fome, de todos os sorrisos que desenhou nos rostos dos pequenos quando criava algo para eles. Respirou fundo e abriu os olhos, firmes como nunca antes.

— Eu não quero nada só pra mim. Se o lápis é tão poderoso... então que seja para proteger o mundo!

Com um gesto rápido, começou a desenhar no ar. Linhas de luz dourada surgiram, se entrelaçando. Os vilões gritaram, avançando, mas era tarde: o desenho tomou forma de uma barreira de luz imensa, que cresceu e envolveu a fenda no céu.

A claridade se expandiu como um sol nascente, empurrando as sombras de volta para dentro da fenda. Os gritos ecoaram até desaparecerem por completo. Num último estalo, a rachadura se fechou, selada pela coragem do menino.

O silêncio voltou. O garoto caiu de joelhos, exausto, mas com um sorriso nos lábios. Ele havia feito sua escolha.

O lápis brilhou em sua mão e disse:

— *“Hoje você não só me protegeu. Protegeu todos. E isso faz de você o verdadeiro Guardião.”*

Capítulo 11 – O Guardião da Esperança

A cidade amanheceu em paz. O céu, antes marcado pela fenda escura, agora estava limpo, azul e sereno como não se via há muito tempo. O perigo havia passado.

O menino acordou cercado pelas crianças que agora sorriam, quentinhas sob os cobertores que ele havia desenhado. Todas o olhavam com admiração, como se fosse um herói. Ele, tímido, coçou a cabeça e riu baixinho.

— Eu só queria que ninguém passasse frio... — disse, envergonhado.

O lápis dourado brilhou suavemente em sua mão e respondeu, com a voz calma que ele já conhecia bem:

— *“E foi justamente por isso que você venceu. Porque nunca quis poder, nem riquezas. Você apenas quis ajudar. E é isso que faz de você o maior guardião.”*

A partir daquele dia, o menino não era mais apenas um garoto perdido nas ruas. Ele se tornou o Guardião da Esperança. Com o lápis mágico, continuou aprendendo a escrever, a desenhar, a sonhar — mas também a ensinar. Mostrou às outras crianças como transformar medo em coragem, fome em solidariedade e solidão em amizade.

E cada vez que ajudava alguém, o lápis brilhava mais forte, como se se alimentasse daquela bondade.

Os vilões? Estavam trancados novamente na fenda, mas sempre haveria o risco de retornarem. O lápis sabia, e o menino também. Por isso, continuava a aprender e a proteger, sem nunca esquecer que seu maior poder não era o objeto mágico, mas sim o coração puro que o guiava.

Certa noite, sentado na mesma marquise onde tudo começou, ele olhou para o céu estrelado, segurou o lápis e sorriu:

— Enquanto eu tiver você, e enquanto meu coração for bom... ninguém vai conseguir destruir este mundo.

O lápis brilhou em resposta, como quem sorria de volta.

E assim, a aventura do menino de rua e de seu fiel amigo dourado não terminou. Pelo contrário: estava apenas começando.